Pe. Jean Nicolas Grou SJ

Marta e Maria

Tradução: Souza Campos, E. L. de
VALDEMAR TEODORO EDITOR
Niterói – Rio de Janeiro – Brasil
2023

Marta e Maria

Jean Nicolas Grou

Nada é mais digno de atenção do que o que o Evangelho nos ensina sobre as duas irmãs Marta e Maria. É certo que Marta representa a vida ativa, ou seja, a vida onde, com seus próprios esforços, com seu próprio trabalho, empenha-se em demonstrar a Deus seu amor e que Maria é a imagem da vida contemplativa, onde se empenha para se manter em repouso, para dar lugar em nós à ação de Deus e onde só se opera sob o impulso e sob a direção de Deus.

As duas irmãs recebem Jesus Cristo na casa delas, ambas o amam e ambas querem lhe demonstrar seu amor, mas elas fazem isto de maneiras bem diferentes. Marta só pensa em praticar o amor para com o Salvador e em lhe preparar uma refeição. Seu cuidado é digno de louvor, mas ela coloca nisto muito empenho, muita ansiedade. Ela se agita, ela se preocupa, ela prepara diferentes pratos, enquanto que um só teria bastado. Maria, por seu lado, não faz nenhum gesto para tratar

bem Jesus Cristo, mas ela se senta aos seus pés para ser alimentada por suas palavras.

A ocupação da primeira está toda no exterior, toda na ação. A da segunda está toda no interior, toda no silêncio e no repouso. Uma, quer se dar ao Salvador e a outra, quer receber dele. Uma lhe apresenta, com todo seu coração, tudo o que ela tem e a outra dá ela mesma.

Marta, convencida de que faz mais por Jesus Cristo do que sua irmã e que esta deveria deixar os pés do Salvador para ir ajudá-la, se queixa a ele de que ela a deixa sozinha servindo-o e lhe pede que lhe diga para ajudá-la. Ela acredita que Maria está na ociosidade e que seu repouso e seu silêncio não tinham nada que agradasse a Jesus Cristo.

Mas, o que ele lhe responde?

Marta, Marta, andas muito inquieta e te preocupas com muitas coisas. No entanto, uma só coisa é necessária. Maria escolheu a parte boa, que não lhe será tirada[1].

Pesemos esta resposta. A instrução que ela encerra é bem adequada para moderar a atividade e reduzir a multiplicidade, que são os dois grandes defeitos da

[1] Lucas 10: 41.

devoção. Estava correto que as anfitriãs de Jesus Cristo lhe preparassem algo para comer, mas bastava uma refeição simples.

Um só prato bastaria para as necessidades da natureza, mas Marta acreditava que seria uma falta ao Salvador, se não lhe fosse preparado um grande número de pratos. Aí está o erro da multiplicidade.

Bastava o preparo pacífico de uma refeição simples e sem perder o repouso interior, mas Marta ficou ansiosa, agitada e perturbada. Aí está o erro da atividade.

Marta achou que sua ocupação era mais valiosa do que a de sua irmã, mas Jesus Cristo a corrigiu imediatamente e lhe ensinou que a escolha de Maria foi a melhor. Ele lhe ensinou ainda que as obras exteriores, as obras de caridade, embora boas propriamente, embora sejam ordenadas, são apenas para a vida presente e cessarão com esta, enquanto que o repouso da contemplação não passará jamais e que, depois de ter sido iniciado neste mundo, ele continuará com mais perfeição na eternidade.

Em outra ocasião, quando Jesus foi até esta casa ressuscitar Lázaro, Marta, informada de sua vinda e sempre ativa, correu até seu encontro. Maria ficou em

casa, esperou e só saiu quando sua irmã lhe disse que o Mestre a chamava.

Marta age com seu próprio impulso e Maria espera para agir somente quando Jesus Cristo a impulsiona.

Tiremos, de tudo isto, regras seguras para conduzir nosso raciocínio e nosso comportamento em matéria de devoção.

01) As boas obras, mesmo que tenham por objetivo o próprio Jesus Cristo e uma coisa tão necessária quanto a alimentação, tudo isto é, propriamente, de menor valor do que a oração e o repouso da contemplação. Por consequência, é preciso, em geral, preferir a oração à ação e dedicar a ela muito mais tempo.

Por oração eu quero me referir a todas as práticas da devoção em que a alma é o objeto imediato.

02) Quando as obras exteriores que visam o próximo não são uma necessidade absoluta, elas não devem ser multiplicadas a ponto de tomar o lugar de nossas preces e de nossos exercícios interiores.

Pode-se alegar a dedicação e o amor, mas a dedicação deve ser controlada e o amor deve começar por nós mesmos.

03) Mesmo que as obras exteriores sejam indispensáveis e que a vontade de Deus seja expressa quanto a isto, é preciso tratar de cumpri-las sem sair do repouso interior, de sorte que, na ação, a alma continue a estar unida a Deus e que ela não perca o recolhimento que deve acompanhá-la por toda parte.

Como isto é de uma prática muito difícil e característico das almas mais avançadas, todos os mestres da vida espiritual recomendam aos iniciantes que eles se dediquem o mínimo possível à ação e se dediquem mais à oração. Chegará o tempo em que a oração, tendo se tornado natural para eles, por assim dizer, eles poderão, se Deus julgar apropriado, agir muito externamente sem perder o repouso interior.

04) Mesmo com relação aos exercícios interiores, a atividade, que tem sua fonte no amor-próprio, é sempre má e nunca é demais reprimi-la, para se deixar dominar pela graça.

O que fazia Maria? Ela ficava sentada. Seu corpo estava em uma posição fixa e tranquila. Ela ficava em silêncio. Jesus Cristo falava e ela escutava com toda a atenção do seu coração. Não é mencionado que ela falava com Jesus Cristo e nem que o interrompesse. Ela se

mantinha diante dele como um discípulo diante do seu mestre. Ela recebia suas lições e as deixava penetrar suavemente em sua alma.

Este é o modelo da perfeita oração, onde a alma não busca se esgotar em reflexões e em emoções, mas onde ela escuta aquele que a instrui sem nenhum som de palavras.

Quando Deus nos concede a graça de nos chamar para este gênero de oração, não se deve jamais sair por qualquer pretexto que seja: distração, secura, aborrecimento, tentação. Mas é preciso perseverar, é preciso devorar todas as dores que surgirem e estar convencido de que se faz muito, que se faz tudo o que Deus quer que façamos, mesmo quando se acredita não fazer nada e se estar perdendo tempo.

É preciso uma grande coragem e exigir muito de si mesmo para caminhar constantemente no deserto de uma oração nua, obscura, vazia de pensamentos e de emoções. Mas também, é esta oração que mais faz avançar nossa morte para nós mesmos e nossa vida em Deus.

05) A atividade gera a multiplicidade e o repouso conduz à unidade; à unidade cuja necessidade é salientada por Jesus Cristo.

A atividade acumula as práticas e ela abrange todos os gêneros de devoção. Ela passa sem cessar de um ato a outro. Ela se agita, se atormenta e jamais acredita ter feito o suficiente.

O repouso nos concentra em Deus e nos fixa em uma só coisa: em escutar, na oração e, fora da oração, em cumprir sua vontade no momento presente, sem se preocupar com o passado e nem com o futuro. Assim, a alma sempre tem um só objetivo e ela jamais se dedica às coisas exteriores, ficando menos ocupada com sua ação do que com a vontade de Deus, que é seu motivo e seu fim.

06) Ela aprende assim a não separar as ocupações de Maria das de Marta e a subordiná-las, de maneira a que uma não prejudique a outra. Ela não negligencia nenhum dos deveres do seu estado, mesmo os da etiqueta, mas ela coloca, à frente de todos os seus deveres, a união inseparável com Deus e dependência contínua da graça. Ela presta ao próximo todos os serviços que dependem dela, mas ela não toma a

iniciativa deles e espera que a Providência lhe apresente a oportunidade. Ela fala e age em paz, sob a direção da graça e só aspira se ver só com Deus.

07) Por fim, mesmo nas melhores coisas, naquela que mais interessam à glória de Deus, ela jamais se envolve com nada e nem mesmo dá um passo para Deus se Deus mesmo não a chamar. Ela permanece onde está, como diz São Francisco de Sales, porque seu estado presente é aquele que Deus quer e do qual ela só deve sair sob sua ordem.

Como a devoção seria bela, como ela seria gloriosa a Deus, útil à alma, edificante para o próximo, respeitada até mesmo pelo próprio mundo corrompido, se ela se conduzisse segundo estas regras!

Mas, infelizmente, se quer governar a si mesmo, se busca a si memo na devoção e isto é o que a torna sujeita a tantos erros e falhas.

Créditos

Original: « Marthe et Marie » in *Manuel des âmes intérieures*, de Jean Nicolas Grou (1731-1803). Paris, 1885.

Traduzido por : Souza Campos, E. L. de